

A REPRESENTAÇÃO FEMININA EM PIGMALIÃO, DE GEORGE BERNARD SHAW

WOMEN REPRESENTATION IN PIGMALION BY GEORGE BERNARD SHAW

Luciene de Sousa Ribeiro 1
Adriana Carvalho Capuchinho 2

Resumo: *Tratamos da representação feminina na peça Pigmalião, de George Bernard Shaw, escrita no contexto da sociedade britânica do início do século XX. Ele não concordava com as convenções existentes na época a respeito do papel da mulher, portanto lutava pela igualdade entre as classes e entre os gêneros. Na perspectiva de Genette (1982), exploramos a proposta de Shaw em intertextualidade com o mito grego de Galatea, que se uniu a seu criador e A Megera Domada de Shakespeare, cuja protagonista rebelde, torna-se submissa, domada pelo seu esposo. Entretanto, Eliza rebela-se contra o seu criador, não mais submetendo-se, após adquirir a língua e os costumes da elite, ainda que isso lhe custe tornar-se um ser liminar (TURNER, 1987). Também consideramos as possibilidades de usarmos obras teatrais no ensino básico de acordo com os documentos oficiais da educação brasileira como oportunidade de trabalhar língua, sensibilidade estética, história e transformações sociais.*

Palavras-chave: *Shaw; Pigmalião. Feminismo. Teatro. Intertextualidade.*

Abstract: *This work deals with the female representation in Pygmalion, by the Irish playwright George Bernard Shaw which was written in the context of early twentieth-century British society. Shaw disagreed with the conventions of that time regarding the role of women, so he would fight for equality between classes and between genders. In Genette's (1982) perspective we explore Shaw's proposal in intertextuality with the Greek myth of Galatea who married her creator, as The Taming of The Shrew by Shakespeare whose rebellious protagonist becomes a submissive wife after being tamed by her husband. On the other hand, Eliza rebels against her creator, no longer accepting to be submissive, after acquiring the language and behavior of the upper class, even though this decision might cause her to become a liminal (TURNER, 1987). We also consider the possibilities of using theater in elementary schooling according to Brazilian education documents as an opportunity of working language, aesthetical sensibility and history of social changes.*

Keywords: *Shaw. Pygmalion. Feminism. Intertextuality. Theater.*

Possui graduação em Ciências Jurídicas - Fundamentos e Práticas
Judiciárias pela Fundação Universidade do Tocantins (UNITINS - 2006),
especialista em Auditoria e Licitações pela Fundação Universidade do Tocantins
(UNITINS - 2009) e em Gestão Pública pela Universidade Federal do Tocantins
(UFT) e atualmente acadêmica do 8º período do Curso de Licenciatura em
Letras pelo Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Câmpus
Palmas. E-mail: lucienesousaribeiro@gmail.com

Docente do Curso de Licenciatura em Letras - Inglês - UFT e do
Programa de Pós-Graduação em Letras. Doutora em Estudos Linguísticos e
Literários em Língua Inglesa, Mestre em Antropologia Social, Licenciada em
Letras Inglês e Bacharel em Antropologia Social. Todos pela Universidade de
São Paulo. E-mail: driowlet@uft.edu.br

Introdução

Todas as artes contribuem para a maior de todas as artes: a arte de viver.

Bertold Brecht

Pigmalião é uma peça de teatro, escrita em 1913 na Inglaterra, por George Bernard Shaw. Trata-se de uma importante obra da Literatura Universal, que rendeu ao autor um Prêmio Nobel de Literatura e um Oscar. Dentre outras temáticas tratadas na referida obra, buscamos focar na representação feminina, visto que a protagonista Eliza, uma florista popular das ruas de Londres, busca a sua independência através de seu aperfeiçoamento no uso da língua inglesa. Ela era uma *outsider*, ou seja, o oposto das mulheres pertencentes à sociedade da época. Conforme o próprio autor explica no prólogo, “Eliza positivamente não acredita na velha tradição romântica de que todas as mulheres adoram ser dominadas, quando não ofendidas e espancadas”. (SHAW, 2005, p. 162).

O professor Higgins, não por altruísmo, mas para satisfazer seu próprio ego, empenhou-se para que Eliza deixasse os traços populares considerados incultos característicos da classe trabalhadora falante da variedade *cockney*¹, de zona industrial no leste de Londres, ou seja, distante da linguagem culta, mais conhecida como língua padrão. Dessa forma, os moradores dessa região eram muito discriminados, em virtude de possuírem um sotaque muito diferente denunciador de sua origem socioeconômica. (CRUTTENDEN *apud* AUTOR, XX, p. 98).

A partir da percepção de que nenhum texto é construído sem dialogar com outro, buscamos investigar quais obras dialogam diretamente com o *Pigmalião*, de Shaw. Considerando a existência de uma variedade de relações transtextuais, analisamos a abordagem pertinente ao feminismo nos diversos contextos.

Desse modo, percebemos que a obra investigada, vinculada ao Modernismo, embora possua suas características próprias e realidades totalmente diferentes, possui características análogas e também outras bem divergentes do mito *Pigmalião*, que faz parte do livro *Metamorfoses*, do poeta grego Ovídio, assim como da *A Megera Domada*, de Shakespeare. Embora as três obras tenham sido escritas em épocas e contextos diferentes, há uma grande intertextualidade da peça de Shaw com o mito segundo Ovídio e com *A Megera Domada* de Shakespeare, ainda que menos evidente.

Enfim, inicialmente trazemos um pouco da história do teatro por entender este como uma arte milenar extremamente importante e que tem sobrevivido ao longo dos séculos, apesar do surgimento de novas mídias. Além de ser utilizado para o divertimento, é também uma arte coletiva, capaz de manifestar pensamentos sociais e culturais expressos no texto dramático que se concretiza como teatro em alguma forma de palco. Em seguida, abordamos sobre a mulher do início do século XX, sobre o autor e as questões do socialismo e do feminismo, sobre a intertextualidade em *Pigmalião*, sobre o mito e o florescer da nova mulher inglesa na obra *Pigmalião*.

Origens do Teatro e reflexividade no âmbito escolar

A palavra teatro originou-se da forma grega *theatron*, derivada do verbo “ver” (*theomai*) bem como do substantivo “vista” (*thea*), no sentido panorâmico. Posteriormente o termo foi adotado para o latim sob a forma *theatrum* e na sequência para as demais línguas, inclusive para a língua portuguesa. O teatro está relacionado à atuação/interpretação, portanto compõe-se de um gênero literário específico, conhecido como dramático, o qual se realiza plenamente por intermédio da representação do texto em diálogos ou monólogos por atores para uma plateia. Da mesma forma, refere-se também ao prédio, local construído com suas características próprias, para que uma peça seja encenada. Nesse sentido, a tríade formada pelo ator, espectador e personagem

¹ É um dialeto característico da zona leste industrial de Londres cuja pronúncia é diferenciada, bem como a sua estrutura e vocabulário. Trata-se de uma variedade bastante estigmatizada no período do drama abordado.

é essencial para que aconteça o espetáculo, que na maioria das vezes representam histórias, que combina discurso, gestos, sons, música e cenografia. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1980. p.3).

Esta manifestação artística está presente na cultura de grande parte dos povos e seu desenvolvimento deve-se à imitação, que é uma tendência instintiva no homem, desde a infância, distinguindo-o dos demais seres vivos, conforme assevera Aristóteles em sua *Arte Poética*. (ARISTÓTELES, 1990, p. 8).

A representação dramática teve origem religiosa, inicialmente na civilização egípcia, quando exaltava as divindades egípcias Osires e Ísis, há cerca de três mil e duzentos anos. Posteriormente essa cultura de representação das divindades chegou à Grécia, onde o teatro propriamente dito teve seu florescimento, sobretudo pela genialidade de primorosos tragediógrafos e comediógrafos gregos. Nesse sentido, para os ocidentais a Grécia é considerada o berço do teatro, apesar de sua procedência egípcia. (BERTHOLD, 2001, p. 13).

No ocidente, mesmo não havendo registros exatos, há duas hipóteses a respeito da origem do teatro. A primeira, está ligada às festas em honra a Dionísio ou Baco, que era considerado o deus da alegria e do vinho - dos ciclos vitais e cuja comemoração ocorria por volta da primavera, quando os campos se encontravam férteis. Já a segunda, está ligada a relatos de que culturalmente os primitivos se reuniam em torno de fogueiras com o intuito de representar acontecimentos de suas caçadas, de suas guerras e também de seus rituais mágicos sagrados que realizavam com o intuito de agradar aos deuses. (BERTHOLD, 2001, p. 64).

Igualmente, no oriente, especificamente na China, o teatro tem origem há mais de cinco mil anos, ou seja, teria iniciado antes do teatro grego. A motivação também possui caráter religioso e ainda se deve aos êxitos militares e outros acontecimentos da época. Do mesmo modo, a Índia desenvolveu inicialmente seu teatro cinco séculos antes da era cristã, concomitantemente na Coreia e no Japão apenas na Idade Média. Nestes países assumiram formas próprias de teatro devido à falta de contato com o mundo ocidental. (BERTHOLD, 2001, p. 31, 42, 44, 67).

A palavra dramaturgia está estritamente ligada à arte de compor dramas. Acerca do drama, Palottini (2015), menciona que não devemos concebê-lo como “como uma peça com final infeliz, de tom sério, ou que leve a um desfecho pessimista”², mas sobretudo que deve ser compreendido como uma peça de teatro que foi produzido para ser encenado, portanto é um gênero literário específico.

Para que uma peça teatral seja relevante, não necessariamente precisa seguir rígidas regras dramáticas, mas especialmente precisa do poder criativo do dramaturgo, assim como da sua relação dialética com o mundo. Berthold (2001, p. 303) menciona as encenações escolares realizadas durante o século XVI em alguns países do continente europeu, tais como: Hungria, Dinamarca Alemanha, Áustria, França, Suécia e Inglaterra. Segundo a autora, o drama escolar, não restringia a salas de aula ou pátios das escolas, era também encenado em lugar público, ou seja, auditórios de conferência em universidades, prefeituras, sedes de grêmios, praças públicas, mercados, assim como em palácios. Predominava um tipo de teatro que “buscava exercer seu efeito não pelo visual, mas pela palavra”, assim o palco costumava ser simples e o cenário único. “Era pela declamação alta e audível em latim que os pedagogos demonstravam suas intenções didáticas aos pais e autoridades públicas” (BERTHOLD, 2001, p. 303). Portanto o teatro desempenha uma função. É possível expressar opiniões, ideais, pertinentes ao contexto em que está inserido através desta arte, fazendo com que o espectador tenha uma formação global, reflexiva, crítica e transformadora, portanto o teatro desde os gregos também tem função educativa.

A dramaturgia moderna e contemporânea entende o teatro como um meio de possíveis transformações sociais através de seus questionamentos, mesmo com o advento de outras mídias como a televisão, o cinema e mesmo a internet. As raízes dessa dramaturgia podem ser percebidas em Shaw, especialmente no tange a questão feminina, como também em Ibsen. Entendemos que por meio do teatro seja possível explorar vários aspectos que contribuirão com a construção do conhecimento na área da educação, dentre os quais a reflexão sobre os valores sociais e culturais. É uma arte que proporciona prazer, ao mesmo tempo que educa e conscientiza, conforme preconiza Aristóteles, “Pela imitação adquirimos nossos primeiros conhecimentos, e nela todos

² Disponível em : <http://dramaturgiaelt.wixsite.com/nucleodramaturgiaelt/single-post/2015/04/07/Conceito-do-Drama-por-Renata-Palottini>. Acesso em: 22 mar 2018.

experimentamos prazer”. (ARISTÓTELES, 1990, p. 8).

Nesse sentido, a Lei de Diretrizes e bases da Educação - LDB, diz que o ensino da arte é obrigatório e legalmente introduzido no currículo escolar,

Art. 26. Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementados em cada sistema de ensino e estabelecimentos escolares, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. (BRASIL, 1996, p. 9)

Nessa perspectiva, o teatro é também uma forma de arte. Portanto, a interação Literatura e Teatro será de grande relevância para que possamos trabalhar a produção textual e ainda a flexibilidade, o dinamismo e a agilidade no pensar, no agir, no entender e na arte de refletir e analisar, formando cidadãos mais críticos e preparados para a construção de uma sociedade mais justa e com respeito às pessoas e às suas diferenças.

Para Koudela (2005, p. 147), o teatro deveria ser incluído no currículo da educação infantil até a superior. Da mesma forma, Cavassin (2008, p. 50) defende em todos os níveis de educação um novo olhar a partir da perspectiva do teatro na educação, “não como lazer, recreação ou luxo, mas como forma de conhecimento que possibilita a aprendizagem a partir dos saberes específicos”. Da mesma forma, Coelho (2014, p. 1212) salienta que é uma excelente ferramenta, uma vez que atua como um recurso de grande relevância para a formação comportamental, acionando assim as sete inteligências, assim como o desenvolvimento das habilidades a elas relacionadas.

George Bernard Shaw: questões do socialismo e feminismo

George Bernard Shaw nasceu em 26 de julho de 1856, em Dublin, atual capital da República da Irlanda quando toda a ilha ainda era uma colônia inglesa. Foi contemplado com um Prêmio Nobel de Literatura, em 1925 e um Oscar, em 1938, por suas contribuições à Literatura e por seu trabalho no filme *Pigmalião*, respectivamente. Escreveu 52 peças teatrais, sempre 9 romances e vários textos críticos. Morreu aos 94 anos, na Inglaterra.

Shaw foi dramaturgo, romancista, ensaísta, contista e também jornalista. Viveu boa parte de sua vida em Londres e, além de outros feitos, foi membro fundador da Sociedade Fabiana³ e um importante ativista dessa vertente socialista, também colaborou com a fundação da Escola de Economia de Londres e do Partido Trabalhista. Lutava pela promoção de condições de vida saudáveis, criticava a exploração da classe trabalhadora e defendeu a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Ao longo da história da humanidade, pouca importância foi dada à mulher tanto na família quanto na sociedade. A trajetória tem sido árdua para a obtenção de maiores espaços, assim como o rompimento com a tradição que coloca a mulher como um ser frágil e dependente, em detrimento do homem, sempre másculo e protetor. Poucas conquistas lograram êxito até a revolução francesa. A partir desse período é que iniciaram as primeiras discussões pertinentes a gênero, bem como de direitos por igualdade entre os homens e as mulheres.

A literatura de um modo geral frequentemente retratou a mulher como símbolo de romantismo, de delicadeza ou até mesmo sua imagem é usada de forma pejorativa, como podemos observar em *Madame Bovary*, escrito em 1857, do escritor francês Gustave Flaubert, em que Emma Bovary vive obcecada por trair o esposo e contrair dívidas, a ponto de levar a família à falência. A traição e a prostituição por parte da mulher são temáticas também recorrentes na literatura brasileira do século XIX. Beauvoir (1970, p. 9), afirma que “A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade”. Sempre vivendo numa posição marginalizada, a mulher trabalhadora exercia trabalhos exaustivos nas fábricas, sendo submetida a situações degradantes e salários inferiores aos homens.

Com o intuito de romper com esse paradigma, a mulher dá início à mobilização em prol da participação nas decisões políticas, começando pelo direito ao voto em eleições, assim ficou

³ Foi uma organização criada em Londres, em 1884, cuja finalidade era propor um socialismo pacífico e reformista que influenciou politicamente a Inglaterra. (Shaw, 2005, p. 177).

mundialmente conhecido o movimento sufragista na Inglaterra. Apenas em 1918 é que as mulheres britânicas, maiores de 30 anos, conseguiram o direito ao voto e 10 anos depois é que as maiores de 21 anos, conseguiram esse mesmo direito. Vivendo em Londres nesse mesmo período, o autor de *Pigmalião* era muito sensível às reivindicações das mulheres e também lutava por esses mesmos objetivos. Também como escritor e crítico ele tinha conhecimento da expectativa dos seus leitores de seus romances e da plateia de suas peças.

Nesse sentido, quando Shaw escreveu *Pigmalião*, em 1913, uma peça de teatro em cinco atos, de certa forma, causou certa decepção no seu público por não fornecer o final feliz para o herói e a heroína comum às peças bem-feitas da virada do século. Nesse período, a mulher ainda era legalmente e culturalmente submissa ao homem, primeiramente ao pai e irmãos e depois ao marido. A estreia da peça se deu no ano seguinte, apenas alguns meses antes do início da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918). Shaw mostra o lugar da mulher na sociedade de Londres, entretanto através da jovem protagonista, Eliza, traz uma nova mulher muito diferente da expectativa da sociedade. Ironicamente, Shaw demonstra a hipocrisia dos costumes sociais e o antagonismo de aparência *versus* realidade.

Intertextualidade em *Pigmalião*

É possível que uma obra produzida em determinada cultura possa dialogar com outra de uma cultura totalmente diferente. Em conformidade com Genette (1982, p. 8), existem cinco tipos de relações transtextuais, que são: intertextualidade, paratextualidade, metatextualidade, hipertextualidade e arquitekstualidade. No caso da obra de Shaw, percebe-se que prevalece a intertextualidade, que, segundo Genette, este teria sido explorado, anteriormente, por Julia Kristeva, mas ele define “como uma relação de copresença entre dois ou vários textos, isto é, essencialmente, e mais frequentemente, como presença efetiva de um texto em um outro, com ou sem referência”, e cita como exemplo: a citação, o plágio, a alusão.

O mito e o florescer da nova mulher inglesa

Utilizando-se da intertextualidade, Shaw traz o mito *Pigmalião*, contada pelo poeta Romano Ovídio na obra *Metamorfoses*. No referido mito, um escultor se apaixona por sua escultura, Galateia, criada a partir de suas decepções com as mulheres da época e na tentativa de criar a mulher ideal. Apaixonado ele reza para que ela ganhe vida. Com a ajuda da deusa Afrodite, seu desejo se torna realidade. Da mesma forma, Shaw apresenta em sua obra alguns diálogos com a peça teatral *A Megera Domada*, cuja data de estreia é controversa, porém seria entre 1593 e 1594. A mesma é considerada uma das primeiras comédias de Shakespeare, de quem Shaw era leitor assíduo.

Em *Pigmalião*, Shaw destaca a desigualdade entre as classes e também entre os gêneros. Apresenta a forma rude com que o professor Higgins trata a sua aluna, sob o pretexto de transformá-la em uma dama da sociedade. Shaw ao mostrar a situação da mulher, pretendia mudar a mentalidade das pessoas a respeito da sua posição na sociedade e na família, uma vez que as mulheres não tinham nenhum poder de decisão e eram tratadas como propriedade, uma vez que não tinham direito à herança ou qualquer espécie de propriedade. Em Shaw (2005, p. 67), é apresentado um bom exemplo, trata-se do momento em que o pai de Eliza, como detentor do direito sobre a filha, vai até a casa do professor Higgins, com o intuito de tirar algum proveito, conforme no diálogo abaixo:

DOOLITTLE: [...] Só quero, é natural, us meu direito de pai, e pula sua cara, já lhe dirsi, o sinhô era o úrtimo hômi do mundu a quêrê ficá cum ela sin dá as dervida cumpensação. [...] u quii é uma nota de cinco pru sinhô?

[...]

HIGGINS: (revoltado) Você está dizendo que era capaz de vender sua própria filha por cinquenta libras?

[..]

DOOLITTLE: [...] Mais sí ela vai ganhá cum isso, praque qüi eu tamém num ganho?

Embora Eliza vivesse de modo independente, provendo seu próprio sustento com a venda das flores, seu pai considerava que tinha direito sobre a filha até o casamento dela, ainda que seu pai gastasse tudo que conseguia ganhar, sustentando o próprio vício do álcool. Nesse período o sistema de dote na Inglaterra havia sido recentemente abolido (final do século XIX). (MOURA, 2002, p. 10). Até então era até a família da noiva que pagava ao noivo pelas despesas que viria a ter com a filha. Efetivamente, a realidade com relação ao papel da mulher na sociedade não havia mudado muito desde o século XVI, quando *A Megera Domada* foi escrita.

Nesse sentido, no contexto renascentista Shakespeariano, a megera era Catarina, uma mulher de gênio forte e que dizia tudo o que pensava sem nenhuma reserva. Criticava as atitudes dos homens e se colocava claramente contra certas imposições sociais. Era um tipo incomum ao contexto histórico em que se inseria. A sua irmã Bianca era muito amável, portanto possuía vários pretendentes e estes conseguiram um noivo para Catarina, para que Bianca também pudesse se casar, uma vez que não era permitido o casamento da filha mais jovem antes da mais velha. Todavia, no final da peça, para surpresa de todos, Catarina termina exatamente da maneira que costumava criticar: obedecendo às ordens do marido Petrucchio e ainda recomendando às amigas que também fossem obedientes aos seus esposos.

Pigmalião

Tudo começa quando um famoso professor de fonética, conhecido como professor Higgins, Eliza, uma vendedora de flores, coronel Pickering, um estudioso tão famoso quanto o professor e outros personagens encontram-se presos sob a fachada de um prédio devido a uma forte chuva que caía. Ali o professor Higgins ouve os “grunhidos” de Eliza, que segundo ele, era uma afronta à língua inglesa. Ele disse inclusive que uma pessoa que pronuncia as palavras tão mal como ela não tinha o direito de viver em nenhuma parte. Na sequência, o professor Higgins faz um show demonstrando suas habilidades fonéticas e conhece o coronel Pickering, um renomado estudioso das línguas indo-europeias, que estava a sua procura. No entanto, o conflito começa quando o professor faz uma aposta com o coronel dizendo que poderia transformar Eliza em dama da sociedade em no máximo seis meses.

No dia seguinte, a florista aparece na casa do professor Higgins, com o intuito de receber aulas de inglês, para que ela pudesse obter um trabalho decente como vendedora em uma loja de flores. Eliza, de fato, consegue aprender a língua inglesa culta, aprende também a se vestir e ainda a ter os “bons modos” da classe alta no prazo estipulado, fazendo com que o professor Higgins ganhasse sua aposta.

Embora a peça assemelhe-se a uma história de amor, com final feliz, Shaw mostra um final ambíguo e sem fadas, contrariando o seu público. Ainda por cima, levanta questões importantes, como o feminismo. O professor Higgins e o coronel Pickering conseguem transformar Eliza na Galateia que planejaram, sobretudo para satisfazerem seus próprios egos, tanto que o professor Higgins não lhe dá nenhum crédito. Eliza, ao buscar os chinelos do professor, ao contrário do que fazia anteriormente, lança-os sobre ele, fazendo com que a peça tome um novo rumo, conforme podemos perceber, “HIGGINS: Você ganhou a minha aposta? Você!?! Inseto presunçoso! Eu ganhei! Que audácia foi essa de atirar os chinelos em minha cara?” (SHAW, 2005, p. 116). Posteriormente, após passar a explosão de raiva ele demonstra orgulho pela atitude dela:

HIGGINS: [...] você me chama de grosseiro, porque não conseguiu ser minha proprietária em troca de trazer meus chinelos e achar meus óculos. Agia como idiota: uma mulher trazendo os chinelos de um homem é uma visão repugnante. Acaso fui buscar suas sandálias? Tenho muito mais respeito por você por ter atirado os chinelos em minha cara.[...] Se quiser voltar, volte esperando apenas bom companheirismo;

só isso e nada mais. Teve tanto de mim quanto eu tive de você; e se me aparecer de novo com esses truquinhos de cachorro amestrado, carregando chinelos na boca, claro que não vou reconhecer em você a minha criação, a duquesa Eliza, e vou bater com a porta na sua cara de imbecil. (SHAW, 2005, p. 149 e 150).

Concomitantemente, surge então um problema para Eliza, que se encontra presa entre dois mundos: um que não lhe permite voltar a vender flores e outro que não lhe permite que seja uma secretária do professor Higgins, ou mesmo sua esposa. Ela se torna um ser liminar (TURNER, 1987), i.e, não pertence mais a seu mundo de origem e não encontra lugar no universo da classe alta em um rito de passagem inconcluso. No entendimento do professor Higgins, Eliza precisava decidir entre casar e trabalhar, mas ela prefere rebelar-se contra o seu criador e buscar a independência. Enquanto discutem, ela menciona que se casará com o Freddy, que poderá trabalhar até mesmo como professora de fonética e sustentá-lo, pois ele a ama. Freddy é pertencente aos Eynsford Hills, uma família aristocrata falida, que procurava manter as aparências. Eliza havia conhecido Freddy no início da peça quando este derrubou suas flores enquanto tentava pegar um táxi com a família. Posteriormente ele escrevia cartas de amor a Eliza.

Quando Eliza anunciou que se casaria com Freddy Hills, o professor ficou ainda mais enfurecido, uma vez que ele não concordava com o relacionamento deles, por se tratar de um “impostor e sem a menor capacidade e nem vontade para o trabalho”. Higgins ameaça torcer o pescoço de Eliza, mas ela o enfrenta, dizendo não se importar, pois ela é melhor que ele. Mostra superioridade para com o professor Higgins, conforme podemos observar no trecho abaixo:

ELIZA: Agora eu sei como agir com você [...] Você não pode tirar o que me ensinou. O conhecimento que me deu. Você disse que eu tenho um ouvido melhor do que o seu. Eu sei ser boa e delicada com as pessoas, coisas que você jamais vai aprender. [...] É você quem me aceita agora porque eu não tenho mais medo de você. Posso viver sem você. (SHAW, 2005, p. 155-156).

Assim como no mito Pigmalião, em que o escultor cria a “mulher ideal”, também o professor Higgins e o coronel Pickering moldam Eliza como a dama ideal. Estas duas narrativas revelam como são irreais as expectativas que a sociedade tem com relação às mulheres. A mulher perfeita é apenas uma construção ilusória. Eliza foi treinada, disciplinada, ensinada, com muito afinco pelo professor Higgins. Ela precisou fingir ser alguém que ela realmente não era. Da mesma forma, Petrucchio, em *A Domada Megera*, conseguiu domar a sua Catarina, que conforme citado no item anterior era uma jovem extremamente impulsiva, irritadiça, durante todo o decorrer da peça, mas no final tornou-se subordinada ao seu esposo.

O escritor irlandês queria defender o sufrágio das mulheres e o socialismo Fabiano com o fim do sistema de classes da Grã-Bretanha que privilegiava a aristocracia em detrimento da classe trabalhadora. A peça ainda explora os papéis de gênero com seus outros personagens femininos. A senhora Pearce e a Senhora Higgins têm participação importante na peça. Esta abriga Eliza quando ela resolve afastar-se do professor Higgins e do coronel Pickering e aquela garante o funcionamento da casa do professor e às vezes o lembra de seus próprios costumes. Essas duas personagens demonstram que apesar da opressão da sociedade vitoriana, as mulheres ainda podiam demonstrar valor perante a sociedade.

A Senhora e a senhorita Hills representam uma sociedade aristocrata, educada, mas falida que vive de aparências na esperança de voltar à alta sociedade através do casamento. A senhorita Clara nunca havia precisado trabalhar, aprendeu a viver no comodismo, seguindo o exemplo e conselhos de sua mãe. Já Eliza sempre fora pobre, porém inteligente e de certa forma orgulhosa, portanto quis ascender socialmente por seus próprios méritos, ao contrário de Clara que era orgulhosa e inútil socialmente. Sabemos, já no prólogo, que sua vida muda, quando começa a ler os romances de Herbert George Wells, um grande escritor britânico e também membro da Sociedade

Fabiana e se envolve na comunidade de leitores chegando a conseguir um emprego de vendedora oferecido por um dos membros da comunidade. (GRIFFITH, 1993, p. 177). Aqui também temos o confronto da posição social feminina libertando-se da perspectiva única do casamento socialmente bem sucedido. Shaw usa ironia para destacar a ilusão de costumes sociais e a grande diferença entre aparência e realidade. *Pigmalião* é uma sátira que zomba da convenção social britânica, bem como das histórias de amor pouco realistas, muitas vezes apresentadas no teatro.

O roteiro para a versão do filme, em 1938, foi escrito por Shaw, entretanto o produtor filmou secretamente o seu próprio final feliz, contrariando o projeto inicial de Shaw. Ele não alterou o texto, entretanto deu ao público exatamente o que eles queriam ver: que Eliza e o professor Higgins estavam apaixonados o tempo todo e que após a queda do pano eles estariam juntos. Certamente em virtude disso, Shaw resistiu em receber o Oscar por um filme com cujo final ele não concordava.

No epílogo da peça, Shaw apresenta que

o resto da história não precisa ser mostrado na ação e, na verdade nem precisaria ser contado se nossa imaginação não fosse tão deformada pela preguiçosa dependência de clichês e de pré-fabricados da oficina em que o Romance mantém seu estoque de " *finais felizes*" a serem mal encaixados em todas as histórias. (SHAW, 2015, p. 158).

A abordagem de Shaw com relação ao desfecho demonstrado apenas no epílogo, abre margem a várias interpretações. Shaw achava inaceitável que o final feliz deveria acontecer simplesmente por se tratar de um herói e uma heroína, desconsiderando todo o drama vivido pelos personagens, inclusive Eliza, que seguindo seu instinto feminino, já teria avisado que não casaria com ele, mesmo se ele pedisse. Da mesma forma ele não estava interessado em casamento. Assim, é apenas no epílogo (que não é encenado) que se sabe o que realmente aconteceu com Eliza. Depois de deixar a casa do professor Higgins, ela casou-se com Freddy Hill e abriu uma loja de flores. Eles lutaram bastante para conseguirem ter estabilidade financeira, uma vez que nem Freddy, pertencente a uma família burguesa falida, tampouco Eliza, tinham noção de administrar um empreendimento. O coronel Pickering os ajudou bastante nesta tarefa financiando o negócio e curso de administração sendo um pai para Eliza.

Considerações Finais

Pigmalião é uma crítica às convenções da sociedade britânica. Através da investigação foi possível conhecer as intenções do autor ao escrever a peça teatral. Embora tenha sido nomeada sob o mesmo nome do mito grego, as abordagens são totalmente diferentes. O final feliz não aconteceu para o professor Higgins e Eliza, embora na produção cinematográfica tenha deixado subentendido um final feliz para o casal, contra as intenções do autor.

Shaw apresenta uma perspectiva que contrapõe às antigas teorias acerca da posição da mulher nesse período em que a convenção era que ela deveria ser obediente e viver submissa ao pai, ao irmão e posteriormente ao esposo. Infelizmente, nos dias atuais, apesar dos avanços ocorridos, a igualdade buscada por Shaw ainda está chegando a passos lentos.

Pensa-se que através do teatro seja possível fomentar a educação sob vários aspectos. De forma prazerosa é possível explorar a leitura, aproximando-as do contexto que envolve os educandos e as obras, buscando a transformação sociocultural do público participante, superando a ideia do conhecimento alheio à vida real, fomentando o diálogo entre leitura literária, contextos sociais e históricos e as expressões artísticas. Através de do estudo de *Pigmalião* os educandos podem trabalhar o mito grego e duas peças teatrais confrontando três contextos e estéticas entre outras questões sociais.

Referências

ARISTÓTELES. *Arte Poética: texto integral*. Tradução da Equipe Lee Livros. São Paulo: Martin Claret. 2006.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo – fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BERTHOLD, Margot. **História mundial do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, LDB 9394/96**. Brasília, 1996.

CAPUCHINHO, Adriana Carvalho. **Liminaridade, Sacrifício e Reciprocidade: uma abordagem do ritual em três peças de Brian Friel**. Tese (doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

CAVASSIN, Juliana. **Perspectivas para o teatro na educação como conhecimento e prática pedagógica**. Revista científica/FAP, Curitiba, v.3, pp.39-52, jan./dez. 2008.

COELHO, Márcia Azevedo. **Teatro na Escola: uma possibilidade de educação efetiva**. Revista Polêmica, [S.l.], v. 13, n. 2, p. 1208-1224, abril/junho 2014. ISSN 1676-0727.

FOCA NA HISTÓRIA. **Pigmaleão e Galatéia: A Benção da Deusa Afrodite - Mitologia Grega** Ep.42. 2017. 4 min 9 segs., Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PF5q2Ngg8ls&t=14s>>. Acesso em: 15 jan 2018.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Extratos traduzidos do francês por BRAGA, C; VIEIRA, E. V. C.; GUIMARÃES, L; COUTINHO, M. A. R.; ARRUDA, M. M.; VIEIRA, M. Belo Horizonte: Viva Voz, 2005. Disponível em <https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3032/GENETTE-Gerard-Palimpsestos.pdf>. Acesso em 20 dez 2017.

GRIFFITH, G. **The Political Thought of George Bernard Shaw**, Routledge, London and New York, 1993.

KOUDELA, Ingrid. **Abordagens metodológicas do teatro na educação**. Revista Científica, São Luís, V.3, n.2, dezembro 2005.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raymundo. **Teatro I**. Biblioteca educação é cultura. vol. 6. Rio de Janeiro: MEC-Fename /Bloch, 1980.

MOURA, DENISE APARECIDA SOARES DE. **Mulheres e dote no Brasil**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 246-247, Jan. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100022&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100022>.

PALOTTINI, Renata. **Introdução à dramaturgia**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1988.

_____. **Conceito do Drama por Renata Palottini**. Disponível em: <http://dramaturgiaelt.wixsite.com/nucleodramaturgiaelt/single-post/2015/04/07/Conceito-do-Drama-por-Renata-Palottini>. Acesso em: 22 mar 2018.

SHAKESPEARE, William. **The Taming of the Shrew**. Tradução de FERNANDES, Millôr. **A Megera Domada**. L&M Pocket, 1998.

SHAW, G.B. Pigmaleão. Tradução de Millôr Fernandes. Rio de Janeiro: **Documento datilografado pelo próprio tradutor**, 1963. Coleção L&PM Pocket, 2005.

SILVA, Christiellen Dias da. **A dialética do amor em Pigmaleão**, de G. B. Shaw. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

TEIXEIRA, Renata. **As Sufragistas**. 2017. 1 h 46 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CNp7pmTpEOc>>. Acesso em: 15 jan 2018.

TURNER, Victor. **The anthropology of performance**. Nova York: PAJ Publications, 1987.

Recebido em 1 de dezembro de 2018.

Aceito em 9 de abril de 2019.